## Céu Astrológico

*Por Léa Mariz*

A Lua Cheia é o momento em que o Sol e a Lua estão em posições opostas no céu e, portanto, a Lua consegue refletir a luz em toda a sua superfície aparente e se mostra plena, iluminando a nossa noite. Para quem acredita na força dos astros, esse é um instante de ápice, em que tudo o que se faz ganha mais força, mais visibilidade. É uma fase em que se consegue ver as situações com mais clareza, refletir sobre o momento pessoal e nossas fragilidades, além de acessar a força por trás das dúvidas.

No dia 12 de novembro de 2019, o céu astrológico estará com os seguintes aspectos: a Lua no signo de Touro e em conjunção com Vesta - um dos asteroides femininos - faz oposição ao Sol, que está no signo de Escorpião em conjunção com Mercúrio, esse em movimento retrógrado. Tanto a Lua quanto o Sol fazem aspectos fluidos (sextil e trígono) com Netuno, que está no signo de Peixes.

O cenário propicia uma facilidade para dissolver registros emocionais negativos, resultantes de mal-entendidos. O Sol em Escorpião recebe a ajuda de Mercúrio para sensibilizar nossa memória e enxergarmos melhor o passado, as dores e os incômodos, percebermos qual foi o aprendizado de uma situação ruim, a importância ou não dela ter acontecido e, a partir dessa lembrança e de um olhar mais amadurecido, nos voltarmos para dentro e nos perdoarmos. Seja por uma insegurança, por uma postura inflexível, alguma crença ou algo que nos causou um registro negativo, e perdoarmos também as outras pessoas envolvidas nessas situações.

Na mesma noite temos ainda Vênus em quadratura com Netuno, o que pode trazer algum tipo de desilusão, decepção, uma sensação de que não daremos conta de chegar onde queremos ou de que aquilo em que acreditávamos até o momento não é mais para nós. Respire, reflita sobre o que tem de aprendizado nesta sua dúvida, o que dela lhe faz colocar os pés mais no chão, pois a partir do dia 20 de novembro toda a energia se renova com vários astros mudando de signos e, então, será um momento favorável para estabelecermos metas mais próximas da direção do que desejamos.

E nos dias 22 a 24, quando Júpiter estará em conjunção com Vênus em Sagitário, lhe convido a mandar para o universo suas intenções, se concentrar naquilo que você deseja atrair para sua vida e enviar o seu pedido às Deusas. O alerta desse momento é não abusar da fé. Parte daquilo que queremos é realizado no mundo espiritual e parte deve ser feito no mundo material: uma parcela de nossos sonhos depende do universo e a outra de nós! Assuma a sua parte tornando o seu desejo algo realizável e sustentável.

www.seguindoestrelas.org
http://youtube.com/seguindoestrelas

**Deusa Viva**

**Um Informativo do**
**Círculo de Mulheres Teia de Thea**

*Expediente:*
Edição: Shirley de Medeiros
Diagramação: Stella da Matta Machado
Textos: Thaís Werneck, Léa Mariz e Shirley de Medeiros
Imagens: Internet

*Informações:*
www.teiadethea.org
(61) 98233-7949
teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org

### Próximos Rituais

**Plenilúnio: Celebração de Coatlicue**
12 de dezembro (quinta-feira)
20h - Local: Unipaz
*.:. somente para mulheres .:.*

**Celebração do Solstício:**
**O Fogo Sagrado da Família**
21 de dezembro (sábado)
20h - Local: Unipaz
*.:. aberta, também, para os homens .:.*



# DEUSA VIVA

Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea
Plenilúnio .:. Novembro de 2019 .:. nº 245

## As histórias da Mulher Amarela

*Por Thaís Werneck*

Kochinnenako, a Mulher Amarela, está presente até os dias de hoje nas histórias contadas por alguns dos povos Pueblo, culturas nativas localizadas no Sudoeste dos Estados Unidos (EUA). Por serem povos de tradição oral, não é de se espantar que não haja uma única versão escrita desse mito e de que ele assuma diversas nuances ao longo do tempo.

Os Keres, Pueblos de Laguna e Acoma no Novo México, por exemplo, têm as chamadas "histórias da Mulher Amarela". Sempre centrados no ponto de vista do feminino, os contos abrangem temas como sequestro; encontro com espíritos poderosos; nascimento de gêmeos; obtenção de poder dos mundos espirituais e sua devolução ao povo; tecelagem e moagem do milho; obtenção de água; e superação e escape das energias dos espíritos mal.

As irmãs da Mulher Amarela estão frequentemente nas histórias (Milho Azul, Branco e Vermelho), assim como a Mulher Aranha, o Deus do Sol ou um de seus aspectos, os filhos gêmeos, as bruxas, os mágicos, e a mãe da Mulher Amarela.

Entre os Keres, o amarelo é a cor para as mulheres, inclusive em ocasiões cerimoniais. Elas também são pintadas de amarelo quando morrem para que a guardiã do portão do mundo espiritual, Naiya Iyatiku (Mulher Mãe do Milho), reconheça que a pessoa recém-chegada é uma mulher.

Assim, ao analisar os contos, é possível afirmar que a Mulher Amarela simboliza o Espírito Feminino para esses povos. Muitos deles trazem mensagens sobre desafios específicos: em uma situação ela mora com a avó na periferia da cidade, em outra é diferente por se recusar a casar, conhecida por alguma coisa especial em particular como um talento ou por ser muito perspicaz e engenhosa.

Pesquisas arqueológicas descobriram várias máscaras que seriam utilizadas pelo povo Keres em cerimônias para as Katsinas, seres espirituais que apelariam às Mulheres Amarelas para trazer a chuva no cultivo do milho. Segundo suas crenças, essas mulheres teriam o poder de se comunicar com os Shiwanna, o povo das nuvens. Elas também são representadas em danças ritualísticas como as ajudantes deles.

**Mito** - Algumas histórias relacionadas a esses achados arqueológicos descrevem as Mulheres Amarelas como donzelas contrárias ao casamento e que recusavam os pretendentes. Em um dos mitos, essa atitude irrita Payatemu (SunYouth) - um aspecto embusteiro do Sol para algumas dessas tradições - que promete puni-las. Ele desce à Terra com uma borboleta dentro de sua flauta e a solta na casa das donzelas. Com o desejo de capturá-la para copiar os belos desenhos de suas asas e reproduzi-los em suas cestarias, as moças a perseguem pela casa, pelo lado de fora, correndo pelas colinas, tentando capturá-la de todos os modos, até que ficam cansadas e com sede.

Elas, então, encontram SunYouth, que se apresenta como um velho, e perguntam a ele onde podem achar um pouco de água. Ele as leva a uma fonte onde coloca um

potente sonífero na água. Elas bebem e adormecem debaixo de uma árvore. SunYouth convoca todos os rapazes para testemunhar o que ele fez e explica que ele vai punir as Mulheres Amarelas por se recusarem a se casar.

Quando acordam, SunYouth as leva para sua casa, onde são obrigadas a moer milho numa sala cheia de formigas e vespas. A Mulher-Aranha intervém e entrega um remédio para que utilizem em seus corpos, protegendo-os. Elas moem todo o milho com a ajuda da Mulher-Aranha. Quando SunYouth retorna na noite seguinte, ele fica impressionado e concorda em devolvê-las às suas casas, com a condição de que se casem e tenham filhos.

E assim, as Mulheres Amarelas tornam-se as primeiras Mães do Clã, conhecidas como as katsinas femininas ou as mulheres míticas, consideradas as mães das primeiras meninas nascidas: "aquelas que nasceram depois de Latiku, a Mãe do Milho, guardiã do mundo subterrâneo".

Para muitos, esse mito antigo das Mulheres Amarelas e de Payatemu (um dos aspectos do Deus Sol) ilustra o equilíbrio entre a nutrição do sol e da chuva trazida pelas Mulheres Amarelas. Sem a participação e cooperação entre ambos as colheitas fracassariam e o povo sofreria. O mito restabelece esse equilíbrio e as pessoas rezam ao Sol e às Mulheres Amarelas para continuarem a trazer prosperidade ao povo.

Esses encontros se repetem em outras versões. Uma delas conta que a Mulher Amarela era casada com Shakak (O Espírito do Inverno), um homem de temperamento violento. As pessoas percebem que enquanto ele estivesse junto à Mulher Amarela, suas plantações não cresceriam e eles teriam que sobreviver se alimentando de cactos.

Um dia ela caminha para bem longe de sua casa atrás de cactos e encontra Miochin (O Espírito do Verão), que Pergunta por que ela comia cactos ao invés de milho e melões. Ele vestia uma blusa amarela tecida com seda de milho, um cinto de folhas de casca de milho verde, um chapéu pontudo feito do mesmo material com uma inflorescência do milho na ponta e calças justas de musgos que se formam em nascentes e lagoas.

Seus sapatos eram bordados com flores e borboletas. Na sua mão ele carregava uma espiga de milho verde. Miochin oferece a ela o milho e diz que o alimento crescia longe, ao Sul, em sua casa, onde também havia flores o ano todo e a convida para ir com ele.
A Mulher Amarela vai e retorna com milhos e melões para alimentar seu povo.

O que as diversas versões desses mitos têm em comum é o fato de retratarem a vivacidade e desenvoltura da Mulher Amarela e os benefícios que ela traz para seu povo. A maioria de suas histórias segue uma forma semelhante: A Mulher Amarela se afasta do seu povo em busca de algo, seja comida, água, solitude ou liberdade.

Ela conhece um homem espiritual (como o Homem-Sol, o Espírito da Montanha, o Homem Búfalo) se relaciona com ele e, dessa união com a força masculina, o povo da Mulher Amarela recebe exatamente o que precisa para sobreviver e continuar existindo. Ela ousa cruzar os limites tradicionais e desafiar os padrões em tempos de crise com o objetivo de salvar seu povo.

As histórias não implicam necessariamente que a sua ousadia deva ser punida. Pelo contrário, é sua personalidade diferente que traz resultados positivos para

Kochinnenako e seu povo. Isso sugere que o comportamento das mulheres, pelo menos em determinados momentos ou sob certas circunstâncias, deve ser inconformista para o bem maior do todo.

As histórias sobre Kochininako nos fazem perceber que, às vezes, devemos agir apesar da desaprovação e do que os outros pensarão ou dirão sobre nós. A Mulher Amarela é considerada uma mulher bonita porque é corajosa e ousada, apaixonada e desinibida, e sempre usa sua astúcia para proteger e prover seu povo.


* Referências:

Tayler, Hamilton A. Pueblos Gods and Miths. Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1964. 166-167

Allen, Paula Gunn.The Sacred Hoop: Recovering the Feminine in American Indian Traditions. 1986. Rpt., with a new Preface, Boston: Beacon, 1992. 226-27.

Patterson-Rudolph, Carol. On the trail of Spider Woman: petroglyphs, pictographs, and myths of the Southwest. Ancient City Press, 1997. 17-18






# Como a Mulher Selvagem cuida do seu corpo?

*Por Shirley de Medeiros*

Com o advento das culturas patriarcais, as práticas de cura e saúde femininas foram saindo das mãos de mulheres como as curandeiras, parteiras e benzedeiras, que possuíam o conhecimento profundo e sensível sobre o funcionamento do nosso corpo. A medicina contribuiu para essa "colonização", nos distanciando da sabedoria ancestral sobre como ele funcionava e dos cuidados naturais.

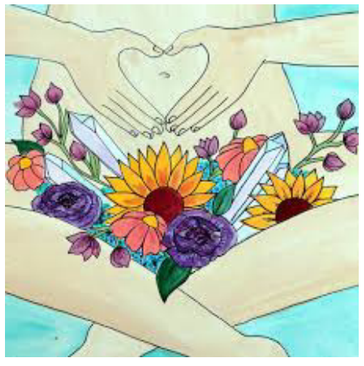
Aristóteles nos chamou de "homem mutilado", e Freud nos denominou como "um sexo que não existe", considerando as histéricas como personalidades infantis e manipuladoras, desmerecendo a frustração com a sexualidade limitada e suprimida. Na idade média, as mulheres que trabalhavam com cura, tinham o conhecimento das ervas e viviam uma sexualidade mais livre foram queimadas como bruxas, iniciando assim, com a ajuda da igreja, a supremacia masculina nas ciências e na medicina, o que se manteve por séculos.

Ao olhar os dados históricos, nos perguntamos: a partir de quais preconceitos foi desenvolvido o conhecimento "científico" sobre nossos corpos? Claro que a ideia de um corpo saudável partiu de um modelo do corpo masculino. Até hoje, movimentos inerentes ao corpo feminino como a dança cíclica de nossos hormônios, a necessidade de pausas para um corpo que menstrua, o parto e a menopausa são "eventos" que precisam ser controlados, para, quem sabe, ao se adequarem ao "time" social não incomodarem o modelo ideal vigente.

Não é toa que, aos nos sentirmos moradoras de uma terra estranha, reneguemos e desprezemos esse corpo, piorando nossa relação com ele e com os sintomas que essa desconexão traz. Nos sentimos perdidas diante da montanha russa de emoções, da falta de energia, das cólicas menstruais, da queda de libido, dos miomas, da endometriose.

Saber que estamos ovulando sem precisar olhar um calendário, identificar nossos estados emocionais e necessidades físicas de acordo com o ciclo menstrual, entender o que os desequilíbrios físicos e as doenças estão nos dizendo, aprender onde está o que nos dá prazer é também libertar nossos corpos da subjugação patriarcal.

A reconexão com a sua saúde natural pode começar pelo mergulho nas crenças que você carrega sobre seu corpo e sua forma, o que escutou desde pequena sobre ele, como as mulheres de sua família trataram essa questão. Uma mulher que não foi ensinada por sua mãe a amar e entender seu próprio



corpo pode ter dificuldades para se acolher e iniciar suas filhas nessa arte.

Analise o que come e o que utiliza como cosméticos, por exemplo, e por que faz essas escolhas. Se conecte com sua energia e a como ela varia. Por exemplo, se o PH da sua vagina muda quando você trabalha demais, faz uma alimentação desregulada, come muito açúcar ou tem relações sexuais insatisfatórias, ela pode estar sinalizando que seu estilo de vida ou emoções estão afetando sua imunidade e seu feminino.

Cuide-se com carinho e utilize a Mãe Terra como aliada, sempre! A medicina é necessária e salva muitas vidas. Mas, precisamos nos conhecer até para não cairmos em situações de maus tratos, excesso de medicalização, bombas hormonais e mutilações desnecessárias. Para grande parte dos desequilíbrios que ocorrem em nosso corpo feminino há uma receita natural, um chá, um banho de assento, uma vaporização, uma meditação, uma dieta específica, um óleo essencial. Somos filhas de Pachamama e não há nada que a natureza crie (inclusive doenças) que ela não possa tratar.

A Mulher Selvagem sabe que no corpo existe um conhecimento profundo e ancestral que nos ensina mais sobre quem somos, do que somos feitas, o que sentimos e desejamos. O dom de se curar a partir dessa sabedoria reside em todas nós! Apodere-se desse corpo!


www.asabida.wordpress.com
Instagram: a_sabida